

Simone Ferreira Conforto  
Professora de  
História do INES  
Formação em  
Ciências Sociais  
Fonoaudióloga com  
pós-graduação em  
Psicomotricidade

## Aprendizagem de História: um trabalho em construção

**“Ergueu num patamar quatro paredes sólidas,  
tijolo por tijolo, num desenho mágico...”**

**Chico Buarque**

**C**erta vez uma aluna surda me disse, em sinais, que odiava História. “Detesto ler, decorar História”.

Depois de um ano inteiro juntas, buscando História através da pesquisa, o conhecimento da História, sempre considerando os interesses da turma, essa mesma aluna sinalizou que: “A História subiu no meu conceito e agora é bom estudar História”.

O que é necessário mudar na relação professor-aluno para que o ensino da História seja interessante e desperte a curiosidade científica de nossos alunos?

Carlos Sanches<sup>1</sup> descreve o papel da escola para o surdo: “A escola deve dar à criança surda tudo aquilo que ela não pode encontrar em um entorno familiar e social com ouvintes, em termos de compartilhar socialmente a

linguagem, a informação, as interações, atividades comunitárias, apoio, solidariedade, responsabilidade e verbalização de afetos, sentimentos e valores entre tantas outras coisas.”

A escola não é o lugar do co-

nhecimento enquanto dominação, mas ao contrário, é o espaço onde se constrói uma relação de interação.

Neste eixo de pensamento, a aprendizagem, segundo Moita Lopes, envolve três tipos de co-

*Produção dos alunos*



<sup>1</sup>(in Skliar, Carlos)

# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

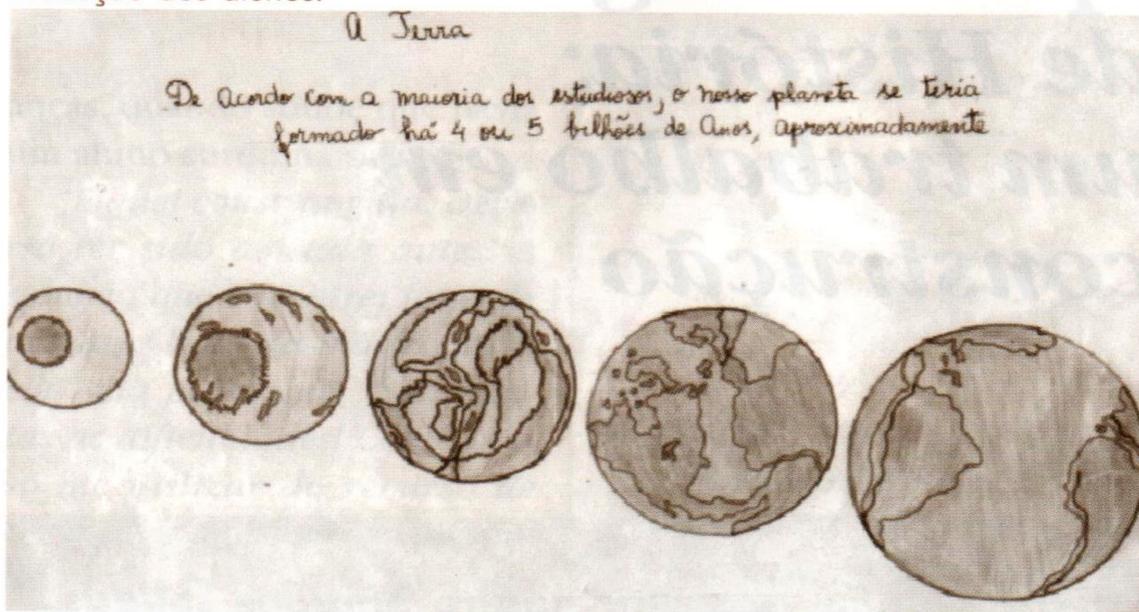
INES

ESPAÇO

JUN/00

66

Produção dos alunos:



nhecimento: o sistêmico, o conhecimento de mundo e a organização de textos.

O sistêmico refere-se à organização lingüística do sujeito, o conhecimento do mundo, às experiências deste sujeito e a organização de texto à forma como este indivíduo organiza suas produções, assim estes tipos de conhecimento são utilizados no momento do aprendizado de diferentes formas por cada aprendiz, enfatizando-se a importância das negociações e interações entre aprendentes e aprendizes no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Vigotsky é através do trabalho e das relações sociais que o homem constrói a linguagem, o pensamento e a cultura.

Baseada no estudo dos aspectos relacionados ao processo ensino-aprendizagem e na relação entre sujeito e objeto de conhecimento referente à visão sócio-interacionista, a História precisa ser, antes de tudo, vivenciada

pelos alunos através de experiências cotidianas. É a partir desses encontros e confrontos que o aluno elabora e reelabora o conhecimento dessas vivências percebendo-se como sujeito da História.

A História e a Política se confundem com a prática social e são construídas e reconstruídas por diferentes pessoas com diferentes interesses sociais.

É preciso compreender a totalidade na diversidade, compreendendo projetos dos diversos grupos sociais, no tempo e no espaço, e os mecanismos que levam à vitória de alguns, em detrimento de outros.

Para tal é preciso romper com a noção de tempo linear, estabelecendo um diálogo com o passado, num ir e vir, em espaço e tempos diferentes. Romper com a factualidade e a cronologia os livros didáticos, impostas por datas e personagens históricos. Partir do presente, da experiência. Privilegiar a apreensão da reali-

dade em todas as suas dimensões.

No estudo da história é preciso ter como eixo temático o trabalho, o fazer humano em todos os tempos e espaços.

Relato de uma experiência de trabalho com uma turma de 5ª série, constituída de jovens e adultos do curso noturno do Instituto Nacional de Educação de Surdos — INES.

## A experiência com a 5ª série (noturno) — INES

Numa construção conjunta do conceito de História, mergulhamos nas fontes de conhecimento: visitando exposições, museus, pesquisando em livros de arte e outros, lendo revistas, jornais, assistindo filmes e vídeos. Os alunos descobriram diferentes tipos de moradias, vestimentas, manifestações artísticas, religiosas e culturais. Passou-se um bom tem-



Os Pré-homens Africanos

Aluno 24/02/99

Produção dos alunos

<sup>2</sup>Carlos Sanchez, in Skliar, Carlos).

<sup>3</sup>in Skliar, Carlos

# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/00

67

po indo à biblioteca, desenhando, comparando as produções realizadas por eles.

“As crianças adquirem o domínio da língua escrita apenas se encontram um entorno de leitura, assim como somente adquirem o domínio de sua primeira língua se se encontram em um entorno lingüístico”<sup>2</sup>

Esta preocupação de criar um entorno de leitura para que os alunos sentissem esta atividade como prazerosa, dinâmica e rica, transformou as aulas num momento de contato com livros: enciclopédias, livros de arte, de fotografia, revistas, livro paradidáticos. Enfim, tudo que ativasse nos alunos um arquivo visual sobre determinados períodos históricos. Para tanto, passou-se a freqüentar a biblioteca com a finalidade de pesquisar imagens para este arquivo. Dentro desta abordagem sócio-interacionista, Alice Freire<sup>3</sup> entende o conhecimento como uma interação entre aprendizes e seus pares num processo contínuo de negociação e explorando o potencial de aprendizagem dos alunos.

Após as pesquisas, que culminam nestas produções, passou-se a discutir o que era a História. Sob o ponto de vista dos alunos, a história era uma profusão de pontos isolados, no passado: “macaco”, “antigo”, “luta de espada”, “Egito”, “escultura”, “cerâmica”, “estátua”. Assim, houve a preocupação de es-

tabelecer uma ponte entre o estudo da História no passado, suas relações com o presente e suas perspectivas futuras. Esta visão está de acordo com o que se diz Walter Benjamim “A História é um movimento incessante, que se realiza num tempo incompleto, inacabado, num tempo que não é homogêneo.” Esta consciência da alteridade do passado e da importância do fazer presente nos dá a chave para compreendermos melhor o passado e lidarmos, de forma mais ativa e questionadora, como s problemas atuais.

## O homem como sujeito da história

Houve a investigação da história de cada aluno e a organização da linha do tempo de cada um: “Quem é você, onde vive, o que faz, como é a sua vida”.

A seguir houve a troca destas linhas e a comparação das diferentes trajetórias de vida, chegando à conclusão que cada pessoa tem uma história de vida construída em determinado tempo e espaço. (Fig. 1)

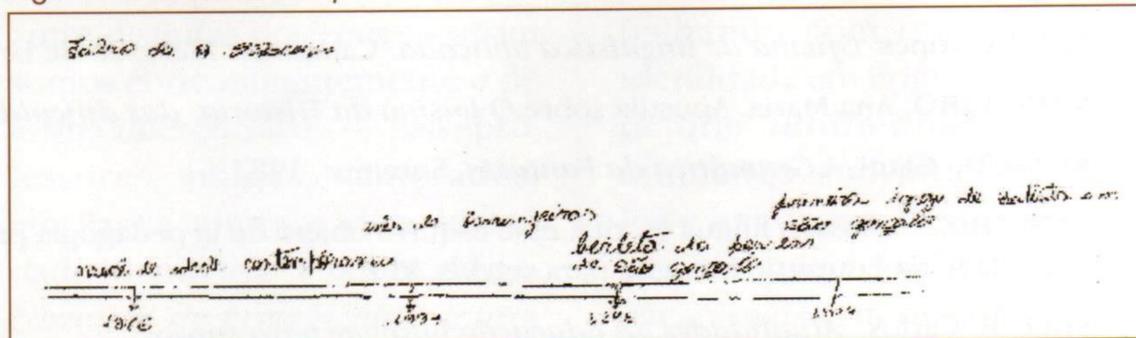
## Construindo a linha do tempo da história:

Foi assistido o vídeo: “Origem da Vida”<sup>4</sup> e os alunos visitaram a exposição sobre “A Origem do Homem”<sup>5</sup>. A partir destas atividades, passou-se a discutir as teorias do “Big Ban” e da “Evolução das Espécies”, de Darwin, comparando com a visão religiosa da origem do homem, que os alunos traziam.

Este trabalho foi realizado de forma integradas nas aulas de História, Ciência e Arte.

Assim foram estudadas as mudanças da terra, das espécies, do homem foi possível acompanhar sua evolução. Foram feitas muitas perguntas sobre estes assun-

Figura 1: Linha do tempo do aluno



<sup>4</sup> "Fantasia" de Walt Disney - 3ª parte

<sup>5</sup> Exposição organizada pelo SENAC, em abril de 1999, na Casa de Ciência, na Rua Lauro Muller, Botafogo

<sup>6</sup> O Xingu - documentário de Walter Salles

# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

JUN/00

68

tos e vivenciados conceitos de transformação, passado, presente, futuro, tempo e espaço, culminando com a construção da linha do tempo da História. (Fig.2)

## Construindo o conceito de cultura

Trabalhou-se também, com o vídeo "A Guerra do Fogo", onde os alunos descobriram que na longa história da Terra, o homem surgiu muito tempo depois do Big ban e dos dinossauros, e que, na Pré-História, as transformações do homem e a construção de sua cultura, se deram de forma diferenciada.

A partir daí, foi sendo construído o conceito de cultura, pesquisando as diferentes sociedades, não somente em revistas, jornais e livros, como também assistindo os vídeos: "O Xingu"<sup>6</sup>, "Passagem para a Índia".

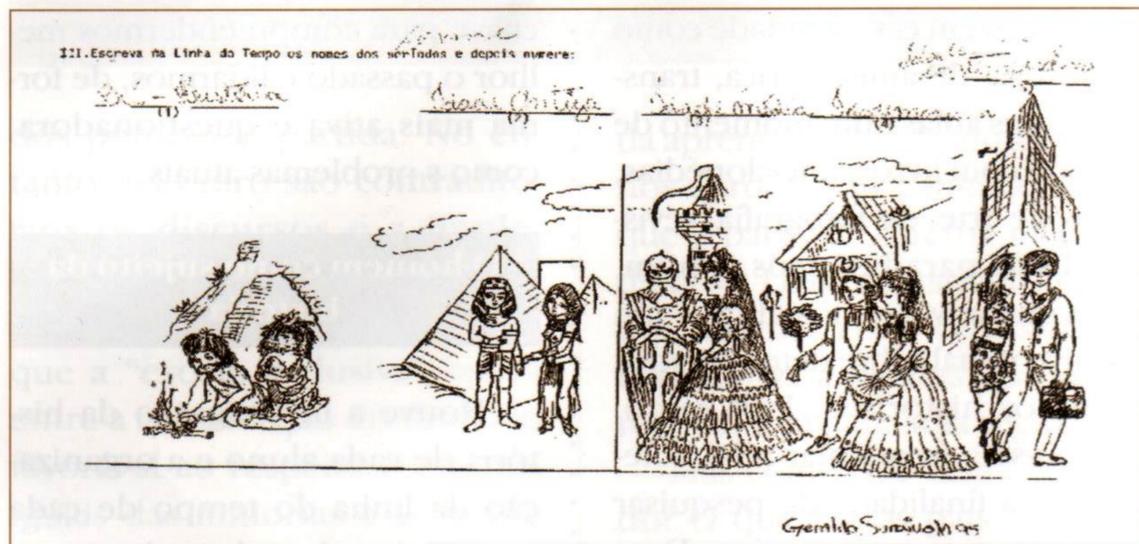
Toda esta atividade levou à organização de um mural sobre as diferentes culturas, de um jogo relativo aos aspectos culturais dos povos e também, à elaboração espontânea de um livro, por um dos alunos.

Concluindo, é importante ressaltar que o professor deve aproveitar a curiosidade científica dos alunos para transformar a visão linear e monótona da história, num estu-

do prazeroso, dinâmico e cheio de descobertas que possibilite, aos mesmos, formular seus próprios conceitos, tecerem críticas e concepções acerca da História.

Nessa concepção, os conteúdos poderão ser trabalhados de forma crítica, investigadora e articulada com a realidade, sendo o papel do professor o de um educador e facilitador da aprendizagem do aluno.

Figura 2: Linha do tempo da História



## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de História*. In, Walter, B. *Obras escolhidas. Magia, técnica, arte e política*, 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FREIRE, Alice. *Aquisição do Português como segunda língua: uma proposta de Currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos*. In Skliar, Carlos. *Atualidade da Educação bilíngüe para surdos*. V.2, p. 25.
- FREIRE, Madalena. *O prazer de conhecer o mundo*. Summus, 1987.
- MOITA, Lopes. *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MONTEIRO, Ana Maria. *Apostila sobre O Ensino da História: das dificuldades e possibilidades de um fazer*.
- RODARI, Giani. *A Gramática da Fantasia*. Summus, 1987.
- SANCHEZ, Carlos. *La lingua escrita: esse esquivo objeto de la pedagogia para sordos y oyentes*. In Skliar, Carlos. *Atualidade da Educação bilíngüe para surdos*. V. 2.
- SKLIAR, Carlos. *Atualidades da Educação bilíngüe para surdos*.
- VYGOTSKY. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994